50/03/12
Diário de notícias
pg. 2

SBH
Fc 61 P14 3

VIDA LITERÁRIA

A POESIA NO PAÍS DOS ESPELHOS

Sergio Buarque de Holanda

(*Especial para o DIARIO DE NOTICIAS*)

AS TENDÊNCIAS do atual movimento de renovação da poesia, entre nós, ganhariam talvez em ser abordados por meio de estudos sistemáticos e particularizados de cada um dos seus representantes, e foi um pouco o que se tentou fazer nestes artigos, pelo menos em dois casos. No caso do sr. Ledo Ivo, a tentativa quase se impunha, uma vez que a parte mais considerável e provàvelmente a mais importante de sua obra poética se publicou depois de 1948. Na do sr. Bueno de Rivera, a singular unidade de inspiração que caracteriza seus dois breves livros, publicados num prazo de quatro anos, constituira um estímulo para se examinar um em face do outro. (E' certo, porém, que uma divergência aguda entre essas obras poderia, com melhores razões, explicar — ou desculpar — tratamento semelhante).

Mas por maior importância que se conceda às nossas últimas gerações de poetas, não pretendo, nem me é lícito, com o espaço disponível, abordar mais pormenorizadamente cada um dêles em separado. Além desta limitação inevitável, que perturbará talvez o panorama de conjunto há necessidade de restringir-me, tanto quanto possível, ao "momento" literário. Resta-me lamentar apenas que alguns dos autores mais representativos tenham permanecido mudos para o grande público no ano de 49 e nas primeiras semanas de 50, o que me impede, por ora, de tentar situá-los na projetada resenha.

De outros — do sr. Alphonsus de Guimaraens Filho, por exemplo, ou da sra. Henriqueta Lisboa — prefiro, segundo um critério que confesso ser bastante arbitrário, tratar mais tarde, quando tente abordar autores que, pertencendo às gerações literárias mais antigas, publicaram livros recentemente, como o sr. Emílio Moura, o sr. Augusto Frederico Schmidt, o sr. Jorge de Lima.

Há ainda aquele cujas obras não vieram ter às mãos do crítico, ou então as que, por algum outro motivo, não puderam ser estudadas na ocasião própria. Dentre estas últimas eu gostaria, contudo, de abrir uma exceção para os "Poemas Narrativos" do sr. Wilson de Figueredo que se imprimiram em 1948 nas Publicações Edifício de Belo Horizonte. O interêsse pelos escritos do poeta mineiro vieram de antes: da publicação de seu livro "Mecânica do Azul", que saíra precedido de uma carta-prefácio do sr. Tristão de Ataíde. E interêsse provocado largamente por essa carta, que reconhecendo embora as virtudes literárias do poeta, não deixava de denunciar com vivacidade seu "intra-realismo". Isto queria significar que, no mundo do sr. Wilson de Figueredo, seríamos "vistos pelas coisas em vez de as vermos". Elas — as coisas — viveriam em perfeita liberdade e passariam a ser o sujeito; nós, o objeto. Por outras palavras, palavras do apóstolo S. Paulo, seríamos feitos espetáculos. Espetáculos para as coisas, desde "as mais humildes às mais, ia dizendo sublimes, mas estando Deus ausente, como dizer?", pondera o prefaciador.

Interessou-me antes mesmo de a conhecer diretamente, a presença, entre nós, dsta suposta poesia "da linha lucreciana" que — admitiu-o apesar de tudo o sr. Tristão de Ataíde — poderia abrir ao seu autor "mais caminhos do que outras linhas menos poéticas..." Por êsse lado representaria ela um curioso contraste com a corrente central de nossa lírica tão insistentemente subjetivista e que, salvo, de algum modo, no reinado dos parnasianos, raras vêzes usou ultrapassar as puras emoções pessoais.

Mas não parece claro que semelhante experiência fôsse comparável à dos parnasianos, para os quais o mundo exterior só existia, de fato, na medida em que luzisse uma luz reflexa, — luz que lhe emprestavam a bem dizer as próprias prevenções estéticas do poeta —, ou na medida em que se mostrasse dócil ao cinzel do modelador.

Seria permitido pensar de preferência no exemplo de Rilke, o Rilke das "Novas Poesias", que obediente ao ensinamento de Rodin, procurava transpôr para o universo da palavra e do ritmo a visão do artista admirado. E caberia evocar também a tentativa que, há trinta anos, vem realizando metòdicamente um autor de nosso tempo: Francis Ponge.

[illegible] poesia que até aqui teve sua expressão mais madura na obra de um Carlos Drumond de Andrade. Mas continuador a seu modo, capaz de criar uma arte onde os objetos — copo quase vazio, botinas molhadas da madrugada, quarto de pensão, sulfanilamida, mesa forrada de jornal, baralhos, camisa dependurada — se destinam a refletir ùnicamente seu mundo familiar e íntimo. Mundo onde as coisas não vivem verdadeiramente por si, como as ideara o crítico; vivem, ao contrário, para o poeta e em função dêle, restituindo-lhe constantemente as imagens de uma adolescência já meio perdida.

E' o oposto de uma visão plástica e perfeitamente objetiva o que nos propõe esta poesia, onde os objetos só valem, tantas vêzes quando sirvam para refletir e refranger alguma realidade distinta dêle, como a vidraça lavada pelo sereno, que "deforma meu rosto inorgànico" (pág. 41), as poças de água, no asfalto, em que são refletidas "à saída do baile, mulheres solteiras" ou, "pela desvelada noite, rodas e lanternas e carruagens" (pág. 50), os céus vazios, onde se projetam sombras dos colonos estrangeiro, "que cantavam em tôrno de fogos comemorativos" (pág. 55), as lágrimas que "realizam uma refracção das coisas e das faces" (pág. 64)...

Em nenhum momento se desapêga de si mesmo o poeta, que não só se mira nas coisas do mundo como é capaz de transfigurar no espetáculo exterior sua paisagem íntima. Sei, exclama,

sei ficar imóvel e parecer uma árvore sêca,
minhas mãos prenderam o movimento dos remos
[para subir a correnteza,
meu coração imita todos os pássaros
e o reflexo do meu corpo faz nascer um arco-íris
no céu que canta quando executo o trabalho
faço minhas refeições e me deito na relva
e o rio dorme o sono para mim
e o bosque sonha para minha carne.

Parece evidente que êsse modo de exprimir-se, em linha oblíqua, suporta mal as minuciosas filigranas em que se detêm tantos dos nossos "neo-modernistas". E se entre êstes parece prevalecer, com notável frequência a composição disciplinada, muitas vêzes de versos breves, é injusto desconhecer a existência de outra corrente que se sente melhor nos ritmos indômitos. Creio que o sr. Wilson de Figueredo pertencerá a êstes mais do que aos primeiros.

Afinal o pudor da expressão direta é, no seu caso, mais uma das modalidades características dessa mesma insatisfação ante as formas convencionais e consagradas, a que um crítico sutil denominou o "terrorismo" nas letras. Em seu grau extremo, êsse terrorismo, ambicioso de dar voz a novas dimensões do pensamento, não recua em face das próprias metamorfoses fonéticas. Não sei, entre nós, quem tenha empreendido uma tentativa nesse sentido, além do poeta José Tavares de Miranda, pertencente, com o sr. Wilson de Figueredo, a chamada geração néomodernista, e ainda mais do que êle, infenso ao formalismo de tantos dos seus companheiros. Não é nenhum dos seus livros impressos (o último, "Voz em Ergástulo", data de 1948, e o penúltimo, "Galba dos Infernos", de 1946) mas nos "Cantares do amor pérjuro" publicados últimamente em um jornal de São Paulo, que a mão trêmula está "desostimada do corpo e da alma", a voz "como em dereábula de canícula física de preamor", e a dor "esclosóida de amor", "finincúlero de amor", "esclionírica de fago"...

Essas invenções fonéticas não constituem novidade fora do Brasil, e se as criações de um Joyce ou de um Michaux pareceram às vêzes pouco convincentes, se as audácias de certo expressivo ou do letrismo puderam escandalizar um público já acostumado, entretanto, a todos os desvarios, é bom lembrar que, há perto de um século, o austero mundo vitoriano sorria complacentemente da algaravia do Jabberwocky, inventada pelo [illegible] Alice no País das Maravilhas.

Sabemos, entretanto, como o "terrorismo" a qualquer preço desemboca fatalmente numa nova retórica, tão estreita quanto a antiga, e promulga regras ainda mais exclusivistas do que a das três unidades, quando preceitua o imperativo da novidade, por exemplo, ou da originalidade. Que obrigado a evitar o "clichê", o já pensado e já dito, êsse tipo de romantismo cerceia a sincera expressão das emoções tanto quanto o mais rigoroso clássicismo.

No caso do sr. Tavares de Miranda creio que ainda é cedo para fazer-lhe a censura que justamente ao velho Jabberwocky lançou o "último poeta maldito", Antonin Artaud, quando numa das cartas que, pouco antes de morrer, escrevera em seu asilo de Rodez, a comparou às "linguagens de superfície, que respiram alegre lazer e feliz êxito do intelec-o..." Cumpre aguardar com maior interêsse seu próximo livro de poesia. E por ora contentemo-nos com os partidários da técnica aparentemente oposta, que se satisfaz com as palavras e os compassos da tribo, dando-lhes talvez um timbre mais puro. A alguns dêles será dedicado o próximo artigo.

REMESSA DE LIVROS — Rua Haddock Lobo [illegible] 1625 — São Paulo.